

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura
e Produção de Texto - Proleitura

CARLOS CESAR MACHADO FONTENELLE

**PRÁTICAS DE JORNALISMO NA ESCOLA: LETRAMENTO DIGITAL E
MIDIÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO ALIADO AO
COMBATE A FAKE NEWS**

Belo Horizonte – Minas Gerais

2025

CARLOS CESAR MACHADO FONTENELE

**PRÁTICAS DE JORNALISMO NA ESCOLA: LETRAMENTO DIGITAL E
MIDIÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO ALIADO AO
COMBATE A FAKE NEWS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto (Proleitura), como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Ensino de Leitura e Produção de Textos.

Orientador: Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte – Minas Gerais
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

R

Realizou-se, no dia 15 de outubro de 2025, às 09:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado PRÁTICAS DE JORNALISMO NA ESCOLA: LETRAMENTO MIDIÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO ALIADO AO COMBATE A FAKE NEWS, apresentado por CARLOS CESAR MACHADO FONTENELE, número de registro 2024659297, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Wander Emediato de Souza - Orientador, Prof. Lucas Piter Alves Costa (UEMG), Prof. Stener Carvalho Fernandes Barbosa.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2025.

Prof. Wander Emediato de Souza (Doutor)

Prof. Lucas Piter Alves Costa (Doutor)

Prof. Stener Carvalho Fernandes Barbosa (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Piter Alves Costa, Usuário Externo**, em 16/10/2025, às 21:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Stener Carvalho Fernandes Barbosa, Usuário Externo**, em 16/10/2025, às 22:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wander Emediato de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 20/10/2025, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 4655295 e o código CRC **09B69E72**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas professoras e todos professores do PROLEITURA pela generosidade em passar tanto conhecimento a nós, estudantes, ao longo do curso de especialização.

Agradeço, em especial, ao professor Wander Emediato pela orientação.

Por fim, um agradecimento carinhoso a Cacilda E. Rios Zocratto e ao Ricardo Bruno da Cruz Costa por todo apoio.

“A educação funciona como um instrumento para facilitar a integração da geração mais jovem com a lógica do sistema atual, o que pode gerar conformidade ou se transformar na prática da liberdade, meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica e criativa com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo.”

Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo investigar, à luz das contribuições teóricas dos estudos bakhtinianos sobre gênero discursivo e do letramento digital (Coscarelli; Ribeiro, 2005) e midiático (Buckingham, 2022), até que ponto a questão da desinformação e do compartilhamento de notícias falsas- também chamadas de *fake news* – está sendo tratada com os estudantes do 8^a ano do ensino fundamental por meio do livro didático ao abordar o gênero discursivo notícia. Para isso, analisou-se o livro didático de Língua Portuguesa do 8^a ano do Sistema SAS para responder a questão-problema que norteia este estudo. Esta pesquisa está dividida em duas partes. A primeira busca apresentar, com o apoio de estudos da Educomunicação, o conceito de *fake news*, pós-verdade e notícia, – gênero discursivo presente na BNCC e de grande importância para a formação cidadã dos estudantes brasileiros, – além do mais, buscou-se fazer uma breve apresentação de letramento digital e midiático, os quais podem ser fortes aliados na formação crítica dos estudantes e ferramenta de combate às notícias fraudulentas. Na segunda parte desse trabalho, encontra-se o resultado dessa pesquisa, o qual confirma que a obra analisada não aborda o tema da desinformação em nenhum momento ao trabalhar o gênero notícia. Por isso, por fim, apresenta-se uma sequência didática com o intuito de auxiliar os docentes a não deixar de tratar, em sala de aula, desse tema de suma importância para a formação cidadã e crítica dos estudantes.

Palavras-chave: *fake news*; notícia, letramento digital e midiático; produção textual; ensino.

ABSTRACT

The present Course Final Paper (TCC) aims to investigate, in light of the theoretical contributions of Bakhtinian studies on discourse genres and of digital (Coscarelli & Ribeiro, 2005) and media literacy (Buckingham, 2022), the extent to which the issue of disinformation and the sharing of false news – also known as fake news – is being addressed with 8th-grade students in elementary school through the textbook’s treatment of the news genre. To this end, the 8th-grade Portuguese Language textbook from the SAS system was analyzed to answer the guiding research question of this study. This research is divided into two parts. The first seeks to present, drawing on studies in Educommunication, the concepts of fake news, post-truth, and news – a discourse genre included in the BNCC and of great importance for the civic formation of Brazilian students. In addition, a brief discussion of digital and media literacy is provided, as these can be powerful allies in fostering students’ critical thinking and in combating fraudulent news. The second part of this paper presents the results of the analysis, which confirm that the textbook examined does not address the topic of disinformation at any point when working with the news genre. Therefore, a didactic sequence is presented with the aim of assisting teachers in ensuring that this highly important topic for students’ civic and critical development is not overlooked in the classroom.

Keywords: fake news; news; digital and media literacy; textual production; teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FAKE NEWS: AFINAL, O QUE SÃO?	9
3 NOTÍCIA: A MATÉRIA PRIMA DO JORNALISMO.....	12
3.1 Campo jornalístico-midiático na BNCC	15
4 LETRAMENTO DIGITAL E MIDIÁTICO: COMO LER A MÍDIA?	16
5 A AUSÊNCIA ESPERADA: PESQUISA DOCUMENTAL EM UM MATERIAL DIDÁTICO.....	22
6 A AULA COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇA	26
6.1 Plano de aula: verificação de notícias falsas e <i>fact-Checking</i>	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

O Art. 205 da Constituição Federal de 1988 deixa claro que a educação dos brasileiros será “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Considerando essas duas primeiras finalidades, constato que educar e formar um(a) brasileiro(a) é muito mais do que apenas pensar na formação técnica a fim de se ter mão de obra para o mercado de trabalho. Sendo assim, é papel da escola educar os estudantes, cidadãos brasileiros, e prepará-los para exercer uma cidadania plena, ou seja, formar sujeitos agentes e conscientes dos desafios que o mundo impõe diariamente, incluindo, atualmente, os impasses trazidos com o avanço digital, midiático e tecnológico.

Essa formação é feita na escola como um todo, mas é notório que a aula de Língua Portuguesa (LP) – por trabalhar com leitura e produção textual – é privilegiada quanto a esse tipo de formação. Uma das muitas formas de ser um cidadão pleno é conhecer os mais diversos gêneros discursivos que circulam na sociedade, com os quais entramos em contato corriqueiramente. Dentre esses gêneros, podemos citar a notícia, seja ela no jornal impresso, na televisão, no rádio ou, atualmente, na palma da mão, veiculada em um smartphone qualquer.

Um cidadão, para exercer a sua cidadania e tomar boas decisões, deve estar bem ou minimamente informado. Para isso, as democracias necessitam do jornalismo e de uma imprensa livre para poder fazer esse trabalho de acompanhar, vigiar os Três Poderes do Estado brasileiro e outras instâncias da sociedade com o intuito de informar os cidadãos para que, assim, fiquem bem-informados.

Com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, como as redes sociais, acreditava-se, a princípio, que a informação, a notícia, chegaria mais longe e rapidamente. De certa forma, isso realmente acontece hoje. Contudo, é importante ter claro de que notícia estamos falando. É uma notícia de uma fonte credível? Uma informação bem apurada e eticamente construída? É objetiva ou subjetiva? Essas são algumas das inúmeras questões que os professores de língua portuguesa devem levar para dentro das aulas de aulas a serem feitas junto com os estudantes, a fim de realizarem uma leitura crítica do texto. Isso é necessário pois há, atualmente, um componente a mais para ser debatido e trabalhado nas aulas: a ascensão das chamadas *fake news*.

As *fake news* ou notícias falsas ganharam força no mundo e no Brasil na última década. Segundo Emediato (2025), esse é, hoje, um fenômeno discursivo global e um problema das sociedades. As últimas eleições majoritárias brasileiras foram marcadas por uma grande quantidade de notícias falsas compartilhadas sem averiguação prévia, por cidadãos que acreditam serem notícias verídicas por parecerem muito com uma notícia de um veículo de imprensa reconhecido pela credibilidade e também por confirmarem suas crenças e ideologia.

Infelizmente, essa realidade chegou, como já se era esperado, dentro das salas de aula, uma vez que os estudantes, super atentos às redes, têm acesso a textos que desinformam de diferentes formatos e em diversas plataformas. Por tudo isso, é de suma importância que esse tema/problema tão atual e indispensável para os estudantes brasileiros seja trabalhado em sala, e a aula de língua portuguesa é uma forte aliada no combate às *fake news*. Ademais, esse trabalho se faz necessário, visto o aumento de compartilhamento de notícias falsas entre adolescentes e a falta de conhecimento dele em checar se uma informação presente na internet é falsa, como mostra dados do levantamento do Comitê Gestor da Internet no Brasil, em parceria com a Unesco¹.

Esse é, portanto, o objetivo deste trabalho, investigar se esse tema está presente nas aulas de língua portuguesa por meio dos livros didáticos e apresentar uma forma de levá-los para estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental II, os quais já nasceram em um mundo digital e já tiveram algum tipo de experiência com dispositivos digitais. Para dar conta deste intuito, esta pesquisa analisou o livro didático de língua portuguesa do 8º ano do Sistema SAS, adotado por mais de 1.200 escolas privadas no Brasil, a fim de constatar se ele tratou desse tema e, se sim, como isso foi feito. Para tal, algumas questões-problemas foram feitas, tais quais: *Fake news* e desinformação são temas abordados no material didático distribuído nas escolas? Se sim, é de uma maneira crítica ou somente expositiva? Até que ponto a desinformação é tratada no material ao se trabalhar o gênero discursivo notícia? Para responder a estas questões, apoiarei nos estudos da Educomunicação e do letramento digital e midiático.

Por último, a fim de contribuir com a prática de professores em sala de aula, busquei apresentar uma sequência didática de como esse tema pode ser trabalhado nas aulas de LP, apoderando-se de práticas do letramento digital e midiático e com contribuição da Educomunicação, como o *fact-checking*. O intuito da sequência é

¹ Disponível em: < www.nic.br/noticia/na-midia/pesquisa-revela-que-43-dos-jovens-nao-sabem-quecar-se-uma-informacao-da-internet-e-falsa/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

colaborar com a formação cidadã dos estudantes, pois conhecer a função social de um gênero discursivo (Bakhtin, 2022) deve ser o primeiro e o mais importante passo ao trabalhar com os gêneros em sala de aula.

2 FAKE NEWS: AFINAL, O QUE SÃO?

O termo *fake news* se tornou comum no vocabulário dos brasileiros e já tem conceito e definição estabelecidos por estudiosos e por dicionários. Suas significações, no entanto, expandiram-se, e a expressão *fake News* é comumente usada para designar, erroneamente, qualquer informação com a qual não se concorda. Por esse motivo, ressalta-se a importância também de compreender o conceito de outro termo muito popular nos dias de hoje: pós-verdade, adjetivo o qual indica “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford, 2016, s.n.). Considerando toda essa complexidade posta, é urgente conhecer o conceito e a definição de *fake news*, principalmente os professores de linguagens, para não cair no erro de usá-lo de forma sem cuidado.

Para iniciar o processo de compreensão desse termo central para este trabalho, é necessário fazer um breve recuo temporal. No ano de 2017, o dicionário britânico Collins elegeu o termo *fake news* como a palavra do ano, dicionarizando-a. Logo, as menções a essa palavra em inglês (que em português significa “notícias falsas”) aumentaram 365% segundo o jornal BBC News. Para o dicionário, esse termo é um substantivo o qual significa “falso, frequentemente sensacionalista, informações divulgadas sob o disfarce de reportagens”.

Um ano antes, um dos principais propagadores desse termo, Donald Trump, foi eleito presidente dos Estados Unidos da América para o seu primeiro mandato. Logo, essa eleição histórica nos ajuda a entender bem esse cenário. Ao longo de toda a campanha presidencial, em 2016, ele fez uso excessivo desse termo, o qual passou a ser adotado também por governantes de outros países, como a ex-primeira-ministra britânica Theresa May e pelo ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro. Já em 2018, foi a vez da história se repetir no Brasil com a campanha e eleição de Jair Bolsonaro com, por exemplo, a notícia falsa de que, caso o seu oponente Fernando Haddad vencesse, seria implantado nas escolas brasileiras banheiros unissex.

Antes de passar para a definição de *fake news*, é importante deixar claro que esse não é um fenômeno novo na sociedade, um produto da contemporaneidade. Desinformação, mentira e manipulação da opinião pública sempre existiram na história

da humanidade. No entanto, elas foram impulsionadas com o advento das redes sociais nos últimos dez anos.

O fenômeno das notícias falsas e seus impactos já são bastante estudados por acadêmicos e discutido nos parlamentos de todo o mundo (incluindo o brasileiro) a fim de barrá-lo ou, no mínimo, amenizá-lo. Logo, há variação na definição do termo, mas nada tão distante. Primeiramente, para a Comissão Europeia (CE), *fake news* é uma desinformação intencional “criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou enganar deliberadamente o público”. Essa definição, por exemplo, é utilizada por estudiosos da informação e comunicação/educação como os professores Maria Cristina Castilho Costa e Anderson Vinicius Romanini da ECA/USP. Esses pesquisadores (2019) salientam que a CE reconhece que as *fake news* não se limitam à desinformação disfarçada de notícias jornalísticas, mas podem abranger qualquer tipo de conteúdo falso que se espalhe de forma intensa nas redes sociais como memes, vídeos, gifs, áudios etc. No entanto, neste trabalho, atentarei unicamente ao gênero textual notícia.

Allcott e Gentzkow (2017, p. 211) compreendem as *fake news* como “artigos de notícias que são intencionalmente e verificadamente falsos, podendo enganar os leitores”. Por se tratar de textos semelhantes aos veiculados por veículos de notícias conhecidos e com credibilidade na sociedade brasileira, as notícias falsas podem passar uma impressão de uma matéria apurada, verificada pelos editores e confiável, desse modo, enganando o leitor. Isso só é possível porque as notícias falsas são apresentadas em um formato já conhecido pelo público. De acordo com Emediato (2025, p. 6), configurações linguísticas, discursivas e tecnodiscursivas, assim como efeitos de gênero, podem aumentar o efeito de real desses discursos, como asserções factuais de evidência, sequências narrativas, modalizações, discursos relatados, uso de testemunhas, imagens que autenticam os fatos etc.

Com o objetivo de confrontá-las e, porque não, desmenti-las, importantes veículos da imprensa nacional criaram portais e ferramentas de *fact-checking* – que é um método jornalístico para verificar se uma determinada informação é ou não credível –, como o “Fato ou Fake” do Portal G1, “Lupa” da revista Piauí, “Estadão Verifica”, do Estado de S. Paulo, “Agência Aos Fatos”, “Uol Conference” e “Boatos.org” e “Truco”, da Agência Pública. Nos últimos anos, muitos conteúdos duvidosos foram monitorados e checados por essas agências, principalmente, durante as eleições majoritárias de 2022 e nas últimas municipais de 2024. A título de exemplificação, a notícia falsa que circulou nas redes em

2025 e que causou grande impacto nos brasileiros e na opinião pública foi a de que o governo federal, por meio da Receita Federal, iria cobrar imposto sobre o PIX. Logo, o “Fato ou Fake” publicou a seguinte checagem a fim de desmenti-la:

Figura 1- Exemplo de *fact-checking*



Fonte: Fato ou Fake, G1, 2025.

Como este trabalho também se embasa teoricamente nos estudos de Educomunicação, apresentarei, a seguir, o conceito de *fake news* presente no glossário do projeto de educação e letramento midiático EducaMídia, do Instituto Palavra Aberta, o qual já é possível ser encontrado em alguns livros didáticos de língua portuguesa, como o que analisarei neste estudo, o Sistema SAS Educação. Para o EducaMídia, a informação falsa é produzida com a clara intenção de enganar o público. Ademais, as *fake news* segundo o Glossário do Educamídia são:

tentam “pegar carona” na credibilidade de veículos jornalísticos conhecidos e, geralmente, são divulgadas por canais que tentam imitar o visual, o nome e/ou o slogan de jornais sérios. O uso do termo tem sido criticado por pesquisadores depois que começou a ser usado como sinônimo para “toda e qualquer informação que me desagrade ou contraria”.

Mas o que leva as pessoas a acreditarem e repassarem essas inverdades que chegam rapidamente até a palma de suas mãos por meio dos acessíveis *smarthphones*? Para entender melhor esse fenômeno, é preciso compreender também o conceito de pós-verdade. *Fake news* e pós-verdade andam de mãos dadas, mas são termos diferentes. Aliás, “pós-verdade” também foi escolhida a palavra do ano pelo dicionário Oxford, mas no ano de 2016, um ano antes de “*fake news*” pela editora Collins. Segundo o dicionário, pós-verdade (*post-truth* em inglês) são “circunstâncias nas quais os fatos objetivos são

menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”.

Seixas (2019) salienta que uma pessoa compartilha uma *fake news*, grande parte das vezes, porque concorda com o discurso presente no texto/enunciado recebido. O autor ainda explica que isso ocorre devido às emoções tribais (identificação afetiva) de um certo grupo ideológico (esquerda, direita, centro) e “na identificação valorativa entre os próprios valores e os valores presentes naquele discurso compartilhado” (Seixas, 2019, p. 292). Em suma, o discurso veiculado confirma as crenças do enunciatário e, logo, há uma identificação, tratando-se, pois, de um ato axiológico e afetivo. “Gosto, logo acredito. Acredito, logo é verdade” (Seixas, 2019, p. 280).

É fundamental esclarecer aos estudantes que não devem ser enganados pela suposta “objetividade”, “neutralidade” ou “imparcialidade” propagadas por desinformação ou notícias falsas. Tratam-se de textos que fazem uso do discurso da informação e que usam de relatos de fontes/locutores, discurso relatado (Emediato, 2025) para passar uma visão de um texto cuidadoso e que busca a objetividade na informação. No entanto, trata-se de um enunciado com visada argumentativa e não um mero texto informativo: “As *fake news* é um discurso em ação” (Emediato, 2025, p. 18), pois busca causar indignação e ação dos enunciatários.

Essa afirmação vai ao encontro dos estudos dos professores Pablo Ortellado e Márcio Moretto Ribeiro (2018), os quais veem as *fake news* como “informação de combate” na forma de matérias noticiosas com o objetivo de defender e/ou fortalecer um posicionamento enquanto impugna outro. Os autores ainda lembram que esses discursos são veiculados em “mídias hiper partidárias”, as quais fazem circular informações em um mundo e em um Brasil bastante polarizado como vemos atualmente.

3 NOTÍCIA: A MATÉRIA PRIMA DO JORNALISMO

A notícia nos ronda diariamente, fazendo parte do nosso cotidiano e de nossa experiência enquanto humanos em forma, muitas vezes, de diálogo, situando-se como um gênero discursivo primário (Bakhtin, 2016). Contudo, neste estudo, o foco recai sobre a notícia enquanto um gênero secundário, isto é, bem apurado, elaborado e estruturado como veremos adiante.

Em uma definição mais ampla, o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001, s.n) apresenta a seguinte como a mais abrangente para o gênero, “informação a respeito de acontecimento novo, de mudanças recentes em alguma situação, ou do estado em que

se encontra algo; nova, novidade. Ex.: ‘tenho boas n. para lhe contar’”. Todavia, no âmbito do jornalismo, o dicionário define a notícia como “o relato de fatos ou acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista, etc.”.

Neste trabalho, foquei somente na notícia, a qual é tida como a matéria prima do jornalismo, em formato de texto escrito veiculada nos portais de notícia digitais de grandes e conhecidos veículos de comunicação no Brasil, como o G1, Uol e BBC News Brasil etc. Essa escolha foi feita pois são esses os portais que mais circulam nas redes sociais mais acessadas pelos estudantes brasileiros, como TikTok, Instagram e X (antigo Twitter), além de serem os mais presentes em livros didáticos com a finalidade de exemplificar o gênero notícia.

Quanto à notícia jornalística, ela é a matéria-prima do jornalismo, ou seja, é tudo o que um jornal publica, é a base do jornalismo de acordo com o jornalista e professor Juarez Bahia (2009). Notícia é, segundo ele, sinônimo de matéria, acontecimento, dado, mas somente o profissional do jornalismo sabe identificar, apurar e trabalhar em uma notícia. Toda notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia, por isso as informações devem passar por uma seleção, tratamento e coordenação para se tornar, enfim, uma notícia. Logo, esse gênero deve reunir interesse, importância, atualidade e veracidade.

É comum ver, nas redes sociais, leitores se referindo a uma notícia como reportagem e vice-versa, pois esses são os dois gêneros discursivos mais presentes na imprensa. A fim de deixar claro a diferença entre ambos, Lage (2012) esclarece que é comum confundir notícia com o gênero reportagem, já que ambos são os principais gêneros presentes em um jornal impresso e agora também no digital. Para o autor, entre os gêneros correntes nos jornais, a reportagem se diferencia da notícia de forma bem sutil, já que ela aborda assuntos e fatos não necessariamente novos; “nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando dado conhecimento do mundo. A reportagem é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque; a notícia, não” (Lage, 2012, p. 47).

O autor, ainda, menciona a preocupação com a ética, a tentativa do gênero de informar de forma objetiva e fidedigna. Assim, justifica o uso da terceira pessoa do discurso, numa linguagem que intenciona conciliar os registros linguísticos formais e informais, com um vocabulário típico, objetivando uma comunicação eficaz e imparcial (mesmo considerando a subjetividade da perspectiva de quem a escreve). A notícia

transita entre as esferas do narrar (mesmo não tendo o aspecto ficcional), do relatar / expor e do descrever – sendo complexa a delimitação e definição dentro de uma só tipologia assim como acontece em boa parte dos gêneros textuais.

Logo, o gênero notícia, como matéria-prima do jornalismo, tem uma função social importantíssima em todas as democracias, visto que informa a sociedade sobre o que se passa onde o cidadão vive, além de formar a opinião pública dele. Não há democracia em que o jornalismo e a liberdade de imprensa e expressão sejam tolhidos. Ademais, a notícia deve ter relevância, ser inédita, instigar interesse público e, mais que isso, deve ter importância para toda a sociedade e, assim, contribuir para a formação da cidadania (Azevedo, 2009). Essa indispensável função da notícia, às vezes, infelizmente, é deixada de lado nos livros didáticos, os quais preferem focar na estrutura do texto e do lide – primeiro e mais importante parágrafo da notícia por conter as principais informações sobre o fato noticiado–, no nível de linguagem utilizado e até mesmo na gramática normativa. No entanto, deixar claro a função social do gênero discursivo é um dever do professor de Língua Portuguesa.

Sobre essa função, Salles (2009, p.40) salienta que caso “um cidadão procure se informar sempre sobre o que está acontecendo na sociedade, ele terá uma noção melhor de como exercer sua democracia”. Desse modo, formar-se-á cidadãos que poderão cobrar mais de seus representantes eleitos, exigindo deles seus direitos e estando mais apto para não se esquecer de seus deveres.

Como se trata de um gênero que circula em um meio de comunicação de massa, o redator tem de ter muito cuidado com a linguagem e recursos linguísticos utilizados no texto, pois a notícia é um texto que será lido por pessoas muito diversas, de diferentes níveis educacionais e realidade social. Portanto, o nível de linguagem tem de ser acessível para que todos os leitores recebam a informação e a compreendam e, por fim, possam se posicionar sobre o fato.

De acordo com Lage (1986), o conceito restrito de linguagem jornalística, como uma prática social transfronteiras e como uma mobilizadora de outros sistemas simbólicos além da comunicação linguística, não nos serve mais. Para ele, a linguagem da notícia transcende o idioma em que estão escritos os textos, porque o gênero notícia é um texto multimodal, logo, é importante se atentar ao projeto gráfico (as manchas, traços, fontes, tamanho das fontes, ilustrações etc.). É imprescindível também se atentar ao sistema analógico, isto é, às fotografias (fotojornalismo), ilustrações, infográficos, legendas, títulos, boxes etc.

Do ponto de vista da organização e estrutura, a notícia, segundo Lage (2006), define-se, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante. Sendo assim, o professor nos ensina que, na notícia, não se trata de narrar os acontecimentos, mas expô-los, visto que os eventos estão ordenados não por sequência temporal, mas por interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na perspectiva de quem ouve.

Exposto tudo isso, é importante, primeiramente, lembrar sempre dos ensinamentos de Bakhtin (2016), para quem o estudo dos gêneros deve partir da vida, das relações humanas, da comunicação humana e não o contrário. Por isso, é primordial trabalhar o gênero notícia em sala de aula, relacionando-o com a linguagem, para que os alunos compreendam que o jornalismo, por meio da notícia, tem um papel indispensável em uma democracia, como a brasileira, e que conhecendo bem o gênero, a linguagem e os recursos linguísticos utilizados, estaremos formando cidadãos que conhecerão esse gênero tão recorrente e importante no dia a dia e, assim, saberão identificar, por exemplo, uma *fake news*.

Logo, vejo como papel indispensável do professor de linguagens e Língua Portuguesa, durante as aulas de redação, leitura e produção textual, fazer essa formação com as/os estudantes que vivem na era dos textos digitais, alertando-os dos perigos e consequências de se compartilhar notícias falsas neste atual momento histórico. Além do mais, este conteúdo é incontornável por estar previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Fundamental e Médio por meio do que a Base chama de “Campo jornalístico-midiático”.

3.1 Campo jornalístico-midiático na BNCC

Desde o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e agora na BNCC, nos anos finais do Ensino Fundamental II, em consonância com a progressão das aprendizagens, há um aprofundamento no trabalho com os gêneros textuais que circulam na esfera pública, especialmente nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. Esses campos, segundo a BNCC (2018), servem para orientar “a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles”.

No âmbito jornalístico-midiático, privilegia-se o estudo de gêneros informativos e opinativos, bem como de textos publicitários, com ênfase nas estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e a persuasão. Quanto ao 8º ano, constato, na BNCC, um enfoque na notícia, comparando-a com os outros gêneros

discursivos informativos como a reportagem, entrevista e artigo de opinião, presentes, por exemplo, nas habilidades (EF89LP08), (EF89LP09) e (EF89LP10).

Além do estudo dos gêneros discursivos, são incorporadas práticas contemporâneas, dessa era digital e virtual, como curtir, comentar, redistribuir e publicar notícias, reportagens, editoriais, crônicas etc., bem como ações reflexivas, como averiguar informações. Além do mais, são tematizadas questões polêmicas relacionadas às dinâmicas das redes sociais e aos interesses que permeiam o campo jornalístico-midiático.

A análise crítica da confiabilidade da informação, o combate à proliferação de *fake news* e a identificação de manipulações de fatos e opiniões recebem destaque, porém, esses tópicos estão aquém nos livros didáticos. Habilidades relacionadas incluem a comparação de notícias provenientes de diferentes fontes e mídias, a análise de sites e serviços verificadores de informações e o uso de ferramentas digitais para a curadoria de conteúdo.

Por fim, a discussão sobre a proliferação do discurso de ódio é trabalhada na medida do possível no oitavo ano, segundo a BNCC, mas é aprofundado no nono com os gêneros argumentativos (artigo de opinião, editorial e crônica argumentativa). Valoriza-se o desenvolvimento de habilidades que promovam o trato respeitoso com o diferente e a participação ética e responsável em espaços de interação social, tanto no ambiente virtual quanto no presencial. Logo, os estudantes devem compreender a importância da informação em relação ao mundo em sua volta, para assim, desenvolver autonomia no pensamento crítico e capacidade de verificação dos fatos, das opiniões e discussões de forma madura a qual possibilitará a ampliação do repertório sociocultural.

4 LETRAMENTO DIGITAL E MIDIÁTICO: COMO LER A MÍDIA?

Segundo pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2025), o país está entre os líderes mundiais em tempo de tela. O levantamento revela que 93% da população brasileira de 9 a 17 anos é usuária de internet, o que representa 24,5 milhões de pessoas, com uma média diária de uso de pelo menos nove horas. Diante desse cenário, intensificou-se o debate sobre o uso de celulares nas escolas, especialmente após a sanção da lei 15.100 que proíbe esse uso do aparelho nesse ambiente em janeiro de 2025. É um caminho sem volta. Os adolescentes se comunicam, interagem, jogam, pesquisam, estudam e se informam pela internet, na qual circulam informações e notícias a todo o

momento. Mas será que eles sabem ler a mídia? Ou será que estão aprendendo a lê-la na escola? Se não, deveriam, pois essa competência está presente na BNCC.

Como apresentei no tópico anterior, a BNCC contempla aspectos do jornalismo em diferentes momentos. De maneira mais explícita, esses elementos são abordados no Campo Jornalístico-Midiático, no componente de LP. O trabalho com o jornalismo na educação, conforme proposto pela BNCC, pode ser organizado em três grandes grupos de habilidades.

No eixo do fazer jornalístico, os estudantes são incentivados a planejar, produzir e publicar notícias, desenvolvendo competências de checagem, revisão, edição e domínio da linguagem e das técnicas jornalísticas, como a hierarquia da informação e as escolhas lexicais. No eixo dos gêneros jornalísticos, o foco está na leitura e produção de diferentes formatos, como notícia, artigo de opinião, entrevista e espaço do leitor, além da análise comparativa entre veículos e da curadoria de conteúdo. Já o eixo da ética jornalística promove reflexões sobre os limites da imparcialidade e da neutralidade, ressaltando a importância do ponto de vista, do repertório, das escolhas editoriais e do compromisso do jornalismo com a sociedade.

Contudo, infelizmente, o que se tem visto, a partir de análises de livros didáticos de português (LDP), como a que apresentarei no tópico seguinte, é um negligenciamento dessas habilidades e um favorecimento da estrutura composicional (Bakhtin, 2022) do texto jornalístico e de critérios linguísticos e gramaticais. Dessa forma, a função social do gênero notícia que é tão importante para o conhecimento da notícia, mas também dos outros gêneros jornalísticos, é desfavorecida, contribuindo com a ausência da discussão sobre *fake news* nas aulas de Língua Portuguesa.

Por tudo isso, busco apoio nos letramentos digital e midiático com o objetivo de contribuir com o trabalho desse tema em sala de aula. Primeiramente, antes de adentrar na discussão desses dois tipos de letramento, é fundamental compreender o que é, afinal, letramento. Segundo Soares (2009), o letramento é um conceito introduzido no Brasil nos anos 1980, no contexto do ensino da língua escrita, que surge em resposta às crescentes demandas sociais, culturais e profissionais de leitura e escrita.

Diferente da alfabetização, que se restringe à aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico e suas convenções, o letramento representa uma faceta mais ampla e complementar: o desenvolvimento de habilidades que possibilitam usar a leitura e a escrita de forma adequada e eficiente nas diversas situações pessoais, sociais e escolares, envolvendo a compreensão e produção de diferentes gêneros textuais, em diferentes

suportes e contextos, para diferentes objetivos e interlocutores. Em essência, o letramento significa a introdução da criança e do sujeito às práticas sociais da língua escrita e à cultura do escrito, capacitando-os para uma participação efetiva nas demandas comunicativas da sociedade contemporânea.

Dessa forma, com o advento das mídias digitais, a circulação de textos nessas novas tecnologias e a massiva entrada dessa realidade nas escolas e no cotidiano dos indivíduos, é possível dizer hoje em letramento digital. Para Soares (2002, p. 151), esse novo tipo de letramento “é o estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel”.

No Brasil, as professoras Carla Coscarelli (2005, 2016, 2017) e Ana Elisa Ribeiro (2009, 2014) são dois dos principais nomes quando se trata de letramento digital. Ao longo dos últimos anos, elas vêm desenvolvendo estudos e publicações sobre o tema a fim divulgar e esclarecer esse recorte de letramento, auxiliando docentes na compreensão e no trabalho com textos digitais. Segundo as autoras,

Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras. Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Uma situação seria a troca eletrônica de mensagens, via e-mail, sms, WhatsApp. A busca de informações na internet também implica saber encontrar textos e compreendê-los, o que pressupõe selecionar as informações pertinentes e avaliar sua credibilidade (2014, p.181-182).

O conceito acima de letramento digital se encontra no renomado glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da UFMG. Em outras obras, como em *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, as autoras esclarecem que “letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (Coscarelli; Ribeiro, 2005, p. 9).

Diante disso, para que os estudantes desenvolvam uma educação crítica da mídia a partir do letramento midiático, como tratarei mais adiante, é necessário, primeiramente, que ocorra um letramento digital. Isto é, os alunos precisam conhecer e saber lidar com os textos que circulam nos meios digitais — textos altamente multimodais, compostos por diversas semioses. É fundamental que eles saibam interagir com aspectos que hoje

são intrínsecos ao texto digital, tais como hiperlinks, imagens, sons, entre outros elementos. Sobre isso, Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 9) afirmam que a multimodalidade é um aspecto proeminente em ambientes digitais. De acordo com as autoras,

as informações são apresentadas usando não apenas elementos linguísticos como palavras, frases, mas também animações, vídeos, sons, cores, ícones. Saber ler e produzir textos explorando essas linguagens faz parte das competências dos digitalmente letrados, com exigências sociais e motivações pessoais cada vez mais precoces.

Conhecer, compreender e saber ler e utilizar as diversas semioses que constituem um texto digital é o primeiro passo para um letramento mais completo e amplo. Essa formação possibilitará aos estudantes realizar uma leitura mais atenta e crítica dos textos que chegam até eles diariamente. Além do letramento digital, é importante que, nas aulas de língua portuguesa, haja também espaço para outra ramificação do letramento: o letramento midiático.

Este trabalho apoia-se na obra *Manifesto pela educação midiática* (2022), de David Buckingham, para defender esse tipo de ensino nas escolas, inclusive, nas aulas de português, espaço privilegiado de trabalho com texto, linguagens e com a possibilidade de abordar os mais diversos temas de discussão do mundo contemporâneo.

Em seu *Manifesto*, o professor inglês, referência global em educação midiática, propõe que o letramento midiático transcenda as abordagens focadas apenas em riscos ou benefícios individuais. A partir de uma perspectiva crítica e cidadã, ele posiciona a educação para a mídia como um direito fundamental, “como o ar que respiramos”, e questão de política pública, essencial à democracia contemporânea. Portanto, para ele, esse tipo de educação é como um “pré-requisito básico da cidadania contemporânea” (Buckingham, 2022, p. 30).

A fim de conceituar a educação midiática, o autor destaca o que ela não é, e nos apresenta o que de fato ela busca promover. Logo, segundo Buckingham (2022, p. 30) a educação midiática:

não consiste em usar a mídia ou a tecnologia como ferramentas, como auxílios educacionais, nem mesmo como aparelhos de coleta de dados. Não consiste em alertar os jovens contra as várias formas de “mau comportamento” que a mídia parece incentivar. Tampouco consiste simplesmente em desenvolver habilidades técnicas ou proporcionar aos jovens oportunidades de se expressarem através da mídia. Na verdade, como pretendo explicar, ela se preocupa sobretudo em desenvolver o entendimento crítico.

A priori, pessoas e educadores leigos nesse tipo de conhecimento podem pensar que a educação midiática serve fundamentalmente para ensinar como usar as mais diversas mídias disponíveis hoje, porém, já no início do *Manifesto*, o autor alerta que essa educação não deve ser confundida com o simples uso da mídia como ferramenta pedagógica, nem com a utilização de tecnologias como aparelhos de coleta de dados. O foco principal da educação midiática é desenvolver o entendimento crítico dos jovens sobre a mídia e seu papel na sociedade.

No Brasil, o programa de educação midiática EducaMídia, desenvolvido pelo Instituto Palavra Aberta, é hoje o principal ambiente de educação midiática, o qual apoia-se nos estudos de Buckingham. O *Guia da Educação Midiática* (2020), criado pelo programa, é um material imprescindível para educadores brasileiros que se preocupam com o uso crítico das mídias pelos seus estudantes.

Para o EducaMídia, o cidadão com formação em educação midiática, isto é, capaz de interpretar criticamente as informações que recebe, usar de forma adequada os meios de comunicação para se expressar e atuar com consciência, ética e responsabilidade no ambiente informacional, estará apto a exercer plenamente seu direito fundamental à liberdade de expressão. Segundo o programa, a educação midiática é como um direito humano, “que empodera o cidadão e o transforma em alguém capaz de contribuir positivamente para a sociedade, fortalecendo ainda mais o ambiente democrático” (Ferrari; Ochs; Machado, 2020, p. 7).

De acordo com o *Guia da Educação Midiática*, esse tipo de educação é:

um conjunto de práticas que possibilitam o desenvolvimento de habilidades para acessar e analisar criticamente informações, produzir conteúdos com responsabilidade e participar de maneira mais consciente e equilibrada do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos- dos impressos aos digitais (Ferrari; Ochs; Machado, 2020, p. 26).

Logo, quando vemos na imprensa notícias do mau das mídias, redes sociais e da inteligência artificial por parte de adolescentes no ambiente escolar, sem senso crítico e responsabilidade algum, como, por exemplo, o caso de estudantes que usaram inteligência artificial (IA) para fazerem nudes falsos de professora e colegas em escola particular em Cuiabá e no Rio de Janeiro, constatamos que esse tipo de educação é mais que necessário, é imprescindível nesse momento histórico.

Perante essa realidade, a professora Magaly Prado defende em seu livro *Fake News e Inteligência Artificial* (2022) que crianças e adolescentes devam aprender a

detectar *fake news* por meio da inclusão da educação midiática no currículo fixo das escolas a fim de promover uma relação mais saudável com a internet. Para a autora, a proliferação de notícias falsas acontece em toda e qualquer mídia com diferentes linguagens, inclusive nos videogames que os estudantes jogam, muitos on-line, embora o YouTube seja a plataforma mais usada para a disseminação de *fake news* na internet.

Com o intuito de atenuar essa preocupante realidade, Prado (2022) afirma que não há um caminho efetivo. Ela explica que o que se pode fazer é investir em ações de médio e longo prazo, como se engajar nas discussões sobre a regulação das mídias e contribuir com as escolas na promoção da educação midiática. Já no curto prazo, para a pesquisadora, a principal atitude é combater as *fake news* sempre que elas surgirem em qualquer plataforma, acompanhando o trabalho de agências de checagem (*Fact-checking*) e divulgando suas análises nas redes sociais. Por último, diante de qualquer dúvida sobre a notícia, ela recomenda não compartilhar a informação de forma alguma.

Pensando no ambiente escolar e nas aulas, a autora ainda defende que a educação midiática deve tornar-se fixa no currículo escolar em todas as etapas de escolarização. Prado (2022) explica que mostrar para os estudantes apenas como a internet funciona ou como operam os algoritmos não é suficiente. Para ela, é fundamental alertar sobre os perigos da desinformação, ensinar a reconhecer os momentos em que é necessário desconfiar e incentivar o desenvolvimento contínuo do pensamento crítico. Para isso, pode-se apresentar o processo de verificação das informações, desde a identificação de fontes confiáveis até a análise de elementos característicos das notícias falsas, como títulos apelativos e erros da norma padrão da língua portuguesa. Ademais, é importante reforçar a ideia de que é possível, de forma rápida, conferir se outros veículos de imprensa tradicionais publicaram a mesma informação.

Por fim, na obra, ela apresenta ideias de planejamento de aula, como levar os estudantes para visitar e conhecer uma redação de jornal da cidade, ou convidar algum jornalista profissional para ministrar palestra na escola. De acordo a professora, medidas como essas já podem contribuir com a formação crítica e responsável dos estudantes. Tomando essas informações aqui expostas, apresentarei, na última seção deste trabalho, uma sequência didática a qual pode contribuir com essa leitura crítica e responsável de informações por parte dos estudantes, cidadãos.

5 A AUSÊNCIA ESPERADA: PESQUISA DOCUMENTAL EM UM MATERIAL DIDÁTICO

Para este estudo, devido ao corpus, optou-se pela abordagem qualitativa, a qual, segundo Prodanov e Freitas (2013), caracteriza-se pela investigação na qual o pesquisador observa, registra e descreve os fatos, com ênfase na pesquisa documental, que coleta e analisa dados em fontes primárias (Lakatos; Marconi, 2001). Gil (2008, p.55) ressalta que a pesquisa documental "baseia-se em materiais que ainda não foram submetidos a um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados conforme os objetivos da pesquisa". Já para Bravo (2008) e Cellard (2008), a pesquisa documental, constitui um instrumento metodológico que possibilita a compreensão da realidade a partir da análise de documentos. Logo, esses documentos são concebidos como quaisquer produções humanas que funcionem como indícios de suas ações, expressando e materializando valores, concepções e perspectivas sobre uma determinada realidade ou temática.

Como instrumento de coleta e análise de dados, utilizei o LDP do 8º ano, desenvolvido pelo Sistema SAS, da Coleção Asas, publicado e adotado por escolas particulares de Goiânia no ano de 2025. Os autores da obra são André Sampaio, José de Nicola e Oficina de Letras e Wilma Lima.

Esta análise busca investigar a temática das *fake news* no LDP em questão, visto que é um tema de suma importância para o diálogo, debate e a discussão em sala de aula, pois nossos estudantes de 13 anos de idade, já no 8º ano, têm contato com desinformação, principalmente, pelas redes sociais. Sendo assim, como exposto no título desta seção, parto da hipótese de que o capítulo negligencia a discussão sobre as notícias falsas e a desinformação.

O capítulo analisado se chama "Solidariedade e cooperação" é o primeiro capítulo que compõe a unidade 1 do livro 1, intitulado "A cidadania requer atitude". O capítulo é constituído por 22 páginas e está organizado da seguinte forma: estudo do gênero-intitulado "texto em cena", gramática normativa - chamada de "Linguagem em foco", "Recapitulando", breve resumo do conteúdo de gramática, e interpretação de texto-nomeado como "Panorama". Neste capítulo, o enfoque está sob os gêneros notícia e, já no final dele, reportagem, fazendo uma breve comparação com o gênero notícia. De acordo com o livro do professor, analisado nesta pesquisa, os "objetivos de conhecimento" do capítulo são:

- Relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais;

- Textualização; revisão/ edição de texto informativo e opinativo;
- Estratégia de leitura: apreender os sentidos globais do texto;
- Variação linguística; conversação espontânea.

Além do mais, o documento se orienta pelas seguintes habilidades presentes na BNCC: EF69LP03, EF69LP06, EF69LP07, EF69LP08, EF69LP55, EF69LP56 e EF89LP27. Segundo o LDP, as aprendizagens essenciais são analisar textos nos gêneros notícia e reportagem, produzir uma notícia, analisar e compreender a incorporação de neologismos e estrangeirismos na língua e, por fim, analisar e compreender os tipos básicos de variação linguística. Por último, são dadas as seguintes orientações didáticas ao professor:

Este capítulo explora a temática da solidariedade e da cooperação social, por meio de histórias positivas veiculadas em período da crise pandêmica de covid-19. A abordagem, dessa forma, está inserida entre “temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global” (BNCC, 2017, p. 19). Com esse contexto, será desenvolvido um trabalho com o campo de atuação jornalístico-midiático, com foco nos gêneros notícia e reportagem. Neologismos, estrangeirismos e variação linguística são conteúdos também explorados (De Nicola et al., 2025, p. 4).

No que se refere ao trabalho com o gênero notícia, o capítulo inicia com uma notícia publicada, no dia 13 de maio de 2020, no jornal Folha de S. Paulo. Ele foi produzido durante o período em que muitos governos decretaram medidas de isolamento social para o combate à disseminação da pandemia decorrente do coronavírus.

A notícia aborda um curso de dança gratuito oferecido pelo renomado grupo de dança mineiro Grupo Corpo durante o período de emergência sanitária. Com os teatros fechados e a impossibilidade de aglomerações, essa iniciativa foi uma alternativa encontrada pelo grupo para contribuir com a sociedade, especialmente em apoio aos profissionais da saúde que estavam na linha de frente nos hospitais, cuidando de pessoas infectadas pelo coronavírus.

Figura 2 - imagem do texto 1 do capítulo

The image shows a screenshot of a news article from the website 'FOLHA DE S. PAULO'. The article title is 'Grupo Corpo oferece aulas on-line de dança para profissionais de saúde' (Grupo Corpo offers online dance classes for health professionals). The subtitle reads 'Curso da companhia mineira, que tem inscrições abertas, começa na sexta-feira (15)'. The author is 'Úrsula Passos' and the location is 'RIO DE JANEIRO'. The article is dated '13 maio 2020 às 11h00'. The main text states that Grupo Corpo, a prominent dance company, is offering free online dance and relaxation classes for health professionals. A quote from Carmen Purri, the company's director, is included: 'Estamos comemorando 45 anos de grupo tendo que nos reinventar. Os bailarinos estão em casa e tem sido um período estranho para todos nós'. An image shows a hand holding a smartphone displaying a dancer in a black leotard performing a yoga-like pose. A caption below the image says 'Uma bailarina do Grupo Corpo, que oferecerá aulas on-line gratuitas.' The browser address bar shows the URL: 'https://www.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/grupo-corpo-oferece-aulas-online-de-danca-para-profissionais-de-saude.shtml'.

Fonte: SAS, 8º ano, 2025.

Além da disseminação do coronavírus, os brasileiros sofreram ainda mais, pois houve, paralelamente à crise sanitária, uma crise de desinformação, infelizmente, apoiada até mesmo pelo governo vigente à época. No entanto, os autores do capítulo ignoraram essa oportunidade de introduzir o tema no material e incentivar um debate sobre ele com os estudantes. Apesar dos autores afirmarem que o capítulo busca explorar “a temática da solidariedade e da cooperação social, por meio de histórias positivas veiculadas em período da crise pandêmica de covid-19” (De Nicola, 2025, p. 4), há, sim, espaço para apresentar para os estudantes o quanto a disseminação de *fake news* e a desinformação foram nocivas à solidariedade e a cooperação social, já que houve incentivo a não doação de alimentos e a vacinação, por exemplo.

Segundo Barcelos, Muniz et al. (2021), só nos primeiros seis meses da pandemia, foram identificadas 329 *fake news* relacionadas à pandemia de COVID-19, disseminadas principalmente por meio das redes WhatsApp e Facebook. Esses textos faziam uso de diferentes semioses, utilizando o poder de impacto das imagens e dos vídeos. Ademais, de acordo com o estudo, houve um aumento de 34,3% nas buscas que utilizavam termos presentes nas *fake news*, e o maior aumento nas buscas ocorreu nas regiões Sudeste (45,1%) e Nordeste (27,8%).

Apesar das mais de 700 mil mortes e tantos outros fatos ruins, houve um movimento forte de solidariedade, compaixão e irmandade no Brasil nesse período. Por

isso, entendo o lado dos autores do LDP por quererem focar em “notícias boas” com os estudantes, talvez por se tratarem de pré-adolescentes. Tanto é que os autores, ao comentarem o exercício oito (ANEXO 1), deixam claro para os professores que os alunos “podem compartilhar ideias sobre o impacto de notícias positivas para os leitores, um contraponto a acontecimentos preocupantes ou negativos também noticiados” (De Nicola, 2025, p. 7). Contudo, seria interessante não subestimar o conhecimento que eles têm sobre esse período difícil e sobre *fake news*. A meu ver, pelo menos um box, ou uma seção que tratasse a respeito desse outro lado fosse incluído no material.

Além da ausência do tema em discussão, o capítulo ignorou também a função social do gênero notícia e fez a escolha de focar primordialmente na estrutura composicional do texto. Isso fica claro já na segunda página do capítulo, em seguida à notícia citada anteriormente, na qual há uma atividade formada por quatro exercícios, os quais tratam somente da construção do primeiro parágrafo, o lide (ANEXO 1). Essa constatação fica óbvia para o professor já no início da seção “Texto em cena”, na página cinco, visto que os autores deixam claro que o foco do capítulo está na estrutura da notícia. Leia-se:

Essa seção visa explorar o gênero notícia e sua estruturação, possibilitando o desenvolvimento da habilidade EF69LP03 da BNCC. O texto reproduzido, da Folha de S. Paulo, faz parte de uma série de matérias positivas e inspiradoras, lançada em 2017, denominada “Dias Melhores”. Tal pormenor será apresentado e trabalhado no último exercício das questões propostas (De Nicola, 2025, p. 5).

A habilidade mencionada, EF69LP03, consiste em identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem etc. Sendo assim, ao lembrar das três características do gênero discursivo, de acordo com Bakhtin (2022), conteúdo temático, construção composicional e estilo, o capítulo e a habilidade tendem a priorizarem a estrutura- primordialmente- e o tema, mas não o estilo e a função social do gênero, a finalidade dele na vida do cidadão.

Isso vai de encontro ao ensinamento bakhtiniano sobre os gêneros do discurso, os quais têm de partir da vida. Primeiramente, é preciso fazermos os estudantes pensarem por que o gênero notícia existe na vida. Segundo Maciel (2022), para trabalharmos o gênero na escola, temos que encontrar o gênero na vida, debruçar-nos sobre este contexto da vida e, então, entender como o gênero desempenha um papel real na vida das pessoas.

Assim, evitar-se-á perguntas como a feita por um dos meus estudantes do 8º ano em um plantão de redação: “Professor, por que as pessoas leem notícias?”.

Conseqüentemente, o trabalho da função social, lamentavelmente descartado no capítulo, possibilitaria o docente trazer a questão das *fake news* para o centro do debate na aula. Essa presença daria chance aos estudantes dialogarem sobre o tema e, claro, aprenderem sobre os riscos que eles correm ao se informarem pelas mídias digitais sem nenhum senso crítico e conhecimento sobre a presença e a disseminação de informações falsas presentes nesses espaços tão acessados por eles.

Diante do fato de que nossos estudantes têm contato diário com *fake news*, da dificuldade que muitos apresentam para identificá-las e da possibilidade de disseminarem essas informações nas diversas redes sociais das quais participam, somado à ausência desse tema tão relevante nos livros didáticos, surge uma importante questão: como o professor deve agir diante desse cenário? Ignorar o problema ou buscar formas de abordá-lo em sala de aula, mesmo que o material didático não o contemple? A próxima seção propõe uma sugestão de atividade para que o professor possa incluir o tema da disseminação de notícias falsas nas aulas de produção textual do 8º ano, contribuindo para mitigar essa lacuna e promover a formação crítica dos alunos.

6 A AULA COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇA

Com a incorporação da inteligência artificial no cotidiano, torna-se cada vez mais essencial desenvolver habilidades de busca e verificação de informações, especialmente no ambiente escolar. Por isso, na segunda parte deste trabalho, proponho uma sequência didática a qual tem como finalidade preencher a ausência do tema das *fake news* ao tratar do gênero notícia nos LDP.

Por isso, objetivando a formação dos estudantes e a capacidade deles em fazer uma leitura crítica desses textos os quais chegam por meio dessas redes, mas também para auxiliar o trabalho do docente que se vê perante um tema tão importante como o da desinformação na era digital, mas sem o apoio do livro didático, apresento a seguir uma sequência didática de como trabalhar com *fact-checking* (verificação de fato, de uma notícia) em sala de aula.

Apoio, para esta proposta, no trabalho de Malta et al. (2024, p. 44) o qual recomenda “o incentivo à criação de ambientes de aprendizagem colaborativos que utilizem tecnologias digitais para promover a interação e a construção coletiva do conhecimento”. Segundo os autores, “este enfoque colaborativo não apenas enriquece a

experiência de aprendizagem, mas também prepara os alunos para um mundo cada vez mais interconectado” (2024, p. 44). Vale ressaltar que esta sequência didática é totalmente maleável, podendo ser adaptada para as mais diversas realidades. A ideia por trás dessas duas aulas é mostrar aos estudantes como suas opiniões pessoais podem evitar que escolham uma notícia/reportagem baseada em fatos.

6.1 Plano de aula: verificação de notícias falsas e *fact-Checking*

Esta sequência didática destina-se ao 8º ano do Ensino Fundamental e aborda o gênero discursivo notícia com foco na verificação de notícias falsas (*fact-checking*). A proposta está estruturada em duas aulas de 50 minutos cada e alinha-se às habilidades EF89LP08, EF89LP09 e EF89LP10 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desenvolvendo competências essenciais para a formação de leitores críticos na era digital.

Na contemporaneidade digital, os estudantes encontram-se constantemente expostos a um volume massivo de informações que circulam através de redes sociais e aplicativos de mensagens. Considerando que nem todas essas informações possuem veracidade comprovada, torna-se imprescindível desenvolver nos jovens a competência de verificar a autenticidade das notícias antes de compartilhá-las ou aceitá-las como verdadeiras. Esta proposta pedagógica trabalha a verificação de fatos como uma ferramenta essencial para formar cidadãos conscientes e capazes de identificar notícias falsas, evitando assim a disseminação de desinformação que pode causar prejuízos individuais e coletivos.

O objetivo central desta sequência didática consiste em desenvolver nos estudantes a capacidade de compreender que nem todas as notícias e informações circulantes nas redes sociais são verídicas e confiáveis, capacitando-os a utilizar técnicas do jornalismo profissional, especialmente o *fact-checking*, para detectar notícias falsas e proteger-se da desinformação. Especificamente, busca-se revisar e fixar a função social e as características estruturais do gênero textual notícia, compreender o conceito de *fake news* e suas implicações sociais, conhecer e aplicar práticas de verificação de fatos, utilizar técnicas jornalísticas para atestar a autenticidade de informações, buscar e comparar dados em diferentes veículos de comunicação confiáveis, identificar marcas textuais características de notícias jornalísticas confiáveis e, finalmente, produzir textos verificadores sobre a autenticidade de informações.

Dimensões do Conhecimento Trabalhadas

No campo conceitual, a proposta explora o gênero textual notícia em sua função social, características e estrutura, além de abordar o conceito de *fake news*, suas causas e consequências. Introduz também o conceito de *fact-checking* e sua importância no jornalismo contemporâneo, apresentando fontes confiáveis de informação e agências especializadas em checagem de fatos. Na dimensão procedimental, os estudantes desenvolvem habilidades de análise crítica de textos jornalísticos, verificação de informações em múltiplas fontes, aplicação de métodos sistemáticos para identificar notícias falsas, pesquisa em plataformas especializadas de checagem e produção textual sobre verificação de fatos. Quanto aos aspectos atitudinais, promove-se o desenvolvimento de uma postura crítica diante das informações recebidas, responsabilidade no compartilhamento de conteúdo, valorização da informação verificada e de qualidade, respeito à verdade dos fatos e engajamento no combate à desinformação.

Para a execução adequada desta proposta, serão utilizados recursos tecnológicos como computador com projetor multimídia, quadro branco com marcadores, dispositivos com acesso à internet (smartphones, tablets ou computadores) e cadernos dos estudantes. Os materiais impressos incluem o texto "TikTok pode ser banido no Brasil a partir de janeiro de 2025" para análise prática. Os recursos digitais compreendem vídeos educativos da BBC News Brasil ("7 passos para identificar notícias falsas") e da Folha de S. Paulo ("Fake news: como saber se uma notícia é falsa"), além do acesso a sites especializados em checagem como Lupa, Aos Fatos, Estadão Verifica e Fato ou Fake. Os espaços utilizados incluem a sala de aula regular e, preferencialmente, o laboratório de informática da escola para a segunda aula.

Desenvolvimento da Primeira Aula

A primeira aula inicia-se com um momento introdutório de dez minutos dedicado à revisão diagnóstica dos conhecimentos prévios sobre o gênero notícia. Nesta fase, organizada em disposição tradicional de fileiras, o professor conduz uma avaliação informal por meio de questões orais que exploram conceitos fundamentais: o que é uma notícia, por que as pessoas as leem, sua importância e a diferença entre notícia e reportagem. Este momento permite ao professor identificar lacunas na compreensão dos estudantes, reforçar brevemente conceitos essenciais e garantir a participação diversificada da turma, incluindo os alunos mais tímidos.

O desenvolvimento do conteúdo ocupa os trinta minutos centrais da aula, estruturando-se em três partes complementares. A primeira parte, com duração de dez minutos, dedica-se à introdução do conceito de *fake news* através de uma problematização inicial que questiona o entendimento dos estudantes sobre o termo, suas experiências pessoais com notícias falsas e exemplos concretos que possam compartilhar. A discussão mediada estimula a oralidade e o compartilhamento de vivências, enquanto o professor registra no quadro os exemplos citados e aprofunda a reflexão sobre as causas da disseminação de notícias falsas e suas consequências individuais e sociais. Neste momento, trabalham-se conceitos fundamentais como a diferenciação entre desinformação, má informação e informação incorreta, além dos impactos sociais, políticos e pessoais das *fake news*.

A segunda parte do desenvolvimento, também com dez minutos, foca em técnicas práticas para detectar notícias falsas através da exibição de um dos vídeos sugeridos. O professor escolhe entre o vídeo da BBC News Brasil, mais prático e direto, ou o da Folha de S. Paulo, mais aprofundado, conforme o perfil da turma. Após a exibição, promove-se um debate que explora os passos e dicas apresentados, verifica se os estudantes já utilizam alguma dessas técnicas e identifica quais parecem mais fáceis ou difíceis de aplicar no cotidiano.

A terceira parte do desenvolvimento, nos dez minutos finais desta etapa, apresenta o conceito de *fact-checking* como prática fundamental do jornalismo profissional. O professor explica que jornalistas verificam múltiplas vezes os fatos antes de publicá-los e destaca técnicas específicas de verificação: pesquisar em diferentes fontes confiáveis, comparar informações em veículos de distintas linhas editoriais, verificar a presença de expediente e autoria, buscar fontes oficiais e consultar agências especializadas. Neste momento, apresentam-se as principais agências brasileiras de checagem de fatos, navegando brevemente pelos sites quando possível e explicando como funcionam os selos de verificação, enfatizando que essas são ferramentas disponíveis para todos os cidadãos.

O encerramento da primeira aula ocupa os dez minutos finais com uma revisão dialógica do conteúdo trabalhado, questionando os estudantes sobre o que aprenderam acerca de *fake news*, *fact-checking* e a importância de verificar informações antes de compartilhá-las. O professor realiza uma avaliação diagnóstica informal, observando a participação e as respostas, identificando possíveis dúvidas para retomar na aula seguinte e registrando mentalmente o nível de compreensão da turma. Importante destacar que, ao final, o professor prepara os estudantes para a próxima aula, avisando sobre a atividade

prática de verificação e solicitando que tragam dispositivos móveis ou garantindo o acesso ao laboratório de informática.

Desenvolvimento da Segunda Aula

A segunda aula inicia-se com um momento de revisão de dez minutos, no qual o professor retoma os conceitos fundamentais trabalhados anteriormente por meio de perguntas diagnósticas sobre *fake news*, técnicas de identificação, *fact-checking* e sua utilização como instrumento de combate à desinformação. Esta retomada inclui uma rápida revisão dos sete passos apresentados pela BBC, relembra as agências brasileiras de checagem e reforça conceitos que não ficaram suficientemente claros, sendo este momento crucial para o sucesso da atividade prática subsequente.

O núcleo da segunda aula consiste numa atividade prática de trinta minutos que simula o trabalho de uma redação jornalística. Realizada no laboratório de informática ou na sala de aula com uso de dispositivos móveis, a atividade inicia-se com uma ambientação de cinco minutos na qual o professor organiza os estudantes nos computadores ou tablets, individualmente ou em duplas, criando um clima de "redação de jornal" onde todos são jornalistas profissionais responsáveis por verificar informações. Nos dois minutos seguintes, distribui-se o texto impresso "TikTok pode ser banido no Brasil a partir de janeiro de 2025", garantindo que todos tenham o material em mãos.

A apresentação da pauta jornalística ocupa três minutos e estabelece claramente a missão dos estudantes: verificar a veracidade de uma informação denunciada como possivelmente falsa que circula nas redes sociais. As tarefas incluem verificação usando as técnicas estudadas, pesquisa em diferentes fontes confiáveis, sites governamentais e agências de checagem, além do planejamento textual para um texto verificador com título chamativo, explicação sobre ser ou não *fake news* e justificativa baseada nas fontes consultadas. O texto completo deverá ser entregue na aula seguinte.

Durante os vinte minutos de execução da atividade, o papel do professor mostra-se fundamental: circula pelo laboratório acompanhando o trabalho, tira dúvidas sobre navegação e pesquisa, orienta sobre fontes confiáveis, auxilia na interpretação das informações encontradas, observa as estratégias de pesquisa utilizadas, incentiva o uso das agências de checagem e faz intervenções pontuais quando necessário. Perguntas mediadoras como "Que fontes vocês consultaram?", "Encontraram informações contraditórias?" e "O que dizem as agências de checagem?" orientam o processo investigativo dos estudantes.

O encerramento da segunda aula ocupa dez minutos e estrutura-se em três momentos. Primeiramente, uma socialização inicial de cinco minutos reúne a turma para que alguns grupos compartilhem brevemente suas descobertas, revelando se a informação é verdadeira ou falsa e quais fontes foram mais úteis, sem revelar totalmente o veredito para manter o interesse na produção textual. Em seguida, três minutos dedicam-se à revisão do processo, reforçando a importância da atuação como jornalistas profissionais, destacando a relevância de verificar antes de compartilhar e conectando a atividade com o cotidiano digital dos estudantes. Finalmente, dois minutos são destinados às orientações para a produção textual que será entregue como tarefa: escrever uma notícia de *fact-checking* com estrutura clara incluindo título sobre o veredito, lide, desenvolvimento com explicação da verificação e fontes consultadas, utilizando as características da notícia trabalhadas em sala, com valor de 2,0 pontos e data de entrega a ser definida.

Processos Avaliativos

A avaliação desta sequência didática contempla duas dimensões complementares. A avaliação formativa e diagnóstica ocorre de forma contínua através da observação da participação nas discussões, qualidade das contribuições orais, envolvimento na atividade prática, colaboração no trabalho e aplicação das técnicas de verificação. Os critérios incluem a compreensão dos conceitos apresentados, capacidade de relacionar teoria e prática, postura crítica diante das informações e uso adequado das ferramentas digitais.

A avaliação somativa materializa-se na produção textual da notícia de *fact-checking* sobre a veracidade da informação analisada, valendo 2,0 pontos e considerando critérios como adequação ao gênero textual, correção das informações verificadas, qualidade da argumentação, uso apropriado das fontes consultadas e domínio da norma padrão da língua portuguesa.

Considerações Finais e Possibilidades de Adaptação

Esta proposta pedagógica admite diversas adaptações conforme a realidade de cada contexto escolar. Na ausência de laboratório de informática, pode-se organizar a turma em grupos com pelo menos um celular por grupo. Para turmas numerosas, recomenda-se o trabalho em duplas durante a atividade prática. A sequência pode ser estendida com uma terceira aula dedicada às apresentações orais das verificações realizadas.

Como desdobramentos possíveis, sugere-se a criação de um mural na sala com notícias verificadas, o desenvolvimento de um projeto de *fact-checking* escolar, a produção de vídeos curtos sobre identificação de *fake news* ou a criação de perfis em redes sociais da turma para divulgar verificações, ampliando assim o alcance social do trabalho desenvolvido e fortalecendo o protagonismo estudantil no combate à desinformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático de língua portuguesa é essencial para o ensino no Brasil, tornando imprescindíveis pesquisas sobre esse material. Este trabalho investigou a presença do tema *fake news* no ensino do gênero notícia, concentrando-se no material do 8º ano do sistema SAS, momento da trajetória de ensino em língua portuguesa na educação básica em que os gêneros jornalísticos são aprofundados.

Considerando que a formação cidadã é função primordial da educação brasileira e que adolescentes estão entre os principais propagadores de *fake news*, defendi a inclusão do letramento digital e da educação midiática nas aulas de língua portuguesa, apoiando-me em autores como Coscarelli, Ribeiro, Buckingham e Prado.

A análise revelou que o material SAS prioriza a estrutura composicional da notícia em detrimento de sua função social, comprometendo a formação crítica dos estudantes. Essa lacuna ficou evidente quando um aluno questionou: "Professor, por que as pessoas leem notícias?" — demonstrando desconexão entre a proposta didática e a realidade digital dos estudantes.

Concordando com Carvalhaes (2016), que entende o livro didático, assim como qualquer outro objeto cultural, como um objeto em constante construção e reconstrução, esta pesquisa visa contribuir para mudanças na elaboração de materiais didáticos e nos estudos de ensino de gêneros discursivos. Como professor e pesquisador, apresentei uma sequência didática para apoiar a prática docente na abordagem crítica das *fake news*.

Por fim, espera-se que este estudo colabore para a transformação do ensino e dos LDP, promovendo a discussão sobre notícias falsas desde os anos iniciais do fundamental II e fortalecendo a formação cidadã para uma sociedade mais crítica e comprometida com a verdade.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, Nashville, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 2 jan. 2020.

AZEVEDO, Amanda. Gêneros textuais: breves considerações acerca da notícia. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Nos domínios dos Gêneros textuais v.2*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2009.

BAHIA, Juarez. *As técnicas do jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2022.

BUCKINGHAM, David. *Manifesto pela educação midiática*. São Paulo: Edições SESC, 2022.

BARCELOS, Tainá Nascimento. et al. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 45, e65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CARVALHAES, W. L. *O livro didático de português: abordagem discursiva de exercícios de compreensão de texto*. 2016. 174 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. Letramento digital no Inaf. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.20, n.1, p. 153-174, jan./jun. 2017.

COSTA, Maria. Cristina. Castilho., & Romanini, Vinícius. (2019). A educomunicação na batalha contra as fake news. *Comunicação & Educação*, 24(2), 66-77. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p66-77>. Acesso em: 13 jan. 2025.

DE NICOLA, José et al. *Língua Portuguesa – 8º ano*. 5. ed. – Fortaleza: Companhia Brasileira de Educação e Sistemas de Ensino S.A., 2025. (Coleção Asas).

EMEDIATO, Wander. Análise discursiva, enunciativa e argumentativa de Fake News. In: Rubens Damasceno-Morais; Rodrigo Seixas. (Org.). *Argumentação, Discurso e Polêmica em Ambientes Digitais*. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2025, v. 1, p. 125-159.

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. Guia da Educação Midiática. – 1. ed. – São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDEN-BERG, M. *A Arte de Pesquisar Rio de Janeiro*: Record, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. *Estudo e produção de textos Gêneros textuais do relatar, narrar e descrever* 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Estrutura da notícia*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular, 2012.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. *Para entender os gêneros do discurso*. Araraquara: Letraria, 2022.

MALTA, Daniela Paula de Lima Nunes et al. O papel do professor na era digital: integrando tecnologia ao ensino de Língua Portuguesa. *IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)*, v. 29, 5. ed., 8 série, maio 2024, p. 37-45. e-ISSN: 2279-0837, p-ISSN: 2279-0845. Disponível em: <<https://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/Vol.29-Issue5/Ser-8/F2905083745.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

OXFORD Languages. Word of the Year 2016. *Oxford University Press*. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>>. Acesso em 26 nov. 2025.

PRADO, Magaly. *Fake News e Inteligência Artificial: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação*. São Paulo: Almedina, 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. *Revista da ABRALIN*, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002/928>>. Acesso em: 22 out. 2025.

RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C. V. Verbete: Letramento digital. In: Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Maria da Graça Costa Val; Maria das Graças da Castro Bregunci. (Org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. 1ed. Belo Horizonte: Ceale FAE UFMG, 2014, v. 1, p. 181-182.

RIBEIRO, M. M., & Ortellado, P. (2018). O que são e como lidar com as notícias falsas. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, 15(27), 71-83. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2018/07/sur-27-portugues-marcio-moretto-ribeiro-pablo-ortellado.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SALES, Saulo de Souza. O gênero notícia: características e análise de exemplo típico. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Nos domínios dos Gêneros textuais v.2*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2009.

SEIXAS, Rodrigo. Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo-argumentativo das fake news. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 30, n. 59, p. 279-295, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44056>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SOARES, Magda. Novas Práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2025.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ANEXOS

ANEXO 01: Atividade proposta no LDP analisado

As notícias, como a que você acabou de ler, são formadas por basicamente quatro partes principais:

título, subtítulo (ou linha fina), lide (ou *lead*) e corpo.

O título destaca o fato informado. O lide é o primeiro parágrafo, que visa chamar a atenção do leitor e iniciá-lo no texto, sintetizando o conteúdo a ser tratado. Tradicionalmente, ele procura responder às seguintes perguntas fundamentais sobre um fato determinado: "O quê?", "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", "Por quê?". Esse tipo de lide pode ser chamado de **noticioso** ou **factual**. Outro formato de lide será estudado mais à frente.

Para entender mais a estrutura de uma notícia, responda às questões a seguir.

- Qual é a finalidade de uma notícia e onde ela costuma aparecer?
A notícia é um gênero que tem como finalidade informar o leitor sobre fatos recentes de forma clara, rápida e direta. Ela aparece em jornais, revistas, rádio e televisão.
- Assinale a(s) característica(s) que se aplica(m) ao título da notícia lida.
 - Responde às perguntas "O quê?" e "Quem?".
 - Anuncia a informação/conteúdo principal da matéria.
 - Utiliza verbo no pretérito.
 - Apresenta detalhes sobre o fato que será abordado.
- Agora releia o subtítulo (linha-fina) da notícia e responda: qual é a função dele no texto?
O subtítulo tem a função de complementar o título, acrescentar-lhe informações.

4. Indique, no quadro a seguir, os elementos que respondem às perguntas fundamentais do lide, em relação à notícia que você leu. Algumas dessas respostas podem ter sido antecipadas no título ou no subtítulo ou são deduzidas do contexto.

Pergunta	Resposta
O quê?	Uma companhia mineira vai oferecer aulas gratuitas de dança e relaxamento para profissionais de saúde.
Quem?	O Grupo Corpo.
Quando?	A partir da sexta-feira, 15 de maio de 2020.
Onde?	Na internet.
Como?	Com aulas em formato virtual.
Por quê?	Porque é uma forma de ajudar os profissionais que estão passando por momentos de tensão e estresse.

5. Uma notícia é o relato de um fato que acabou de acontecer ou de vir ao conhecimento do jornalista ou do público. Como isso se confirma em relação ao texto lido? Explique.

O texto anuncia um fato novo: o projeto de aulas gratuitas promovidas pelo Grupo Corpo, iniciativa a ser concretizada dali a alguns dias.

6. O texto afirma que havia um plano inicial do Grupo Corpo, o qual teve de ser alterado. Em que consistiu a mudança e qual foi a sua motivação?

Inicialmente, a proposta era que as aulas do grupo fossem realizadas duas vezes por semana e com vagas limitadas (cem pessoas). Devido ao número alto de interessados, foi necessário pensar um novo formato: aulas em site de vídeo, com transmissões ao vivo e gravações disponibilizadas para o público.

7. De acordo com Carmen Purri, diretora de ensaios e cofundadora do grupo, como se originou a iniciativa e com que propósito ela foi pensada?

A ideia veio da busca do grupo por se conectar com a realidade de um cenário de isolamento social resultante do combate a uma pandemia e por ajudar profissionais de saúde, submetidos a tensões, estresses e desgastes desse contexto. O projeto foi pensado como uma forma de levar um pouco de alívio, cuidado e alegria a esse público-alvo.



8. A notícia lida faz parte de uma seção denominada "Dias Melhores" que a *Folha de S.Paulo* lançou em 2017, reservando-a para conteúdos positivos e inspiradores.

a) Em sua avaliação, essa notícia se encaixa nesse perfil? Por quê?

A notícia lida se enquadra na proposta da seção, uma vez que seu conteúdo se relaciona a uma busca por melhorias na vida de pessoas e, ainda, serve de estímulo a boas ações.

b) Em sua opinião, qual é a importância de uma seção de jornal designada para um objetivo como esse?

Resposta pessoal.



7

ANEXO 02: Sugestão de textos para análise dos estudantes na segunda aula sobre *fact-checking*

TikTok pode ser banido no Brasil a partir de janeiro de 2025

Por: admin

Data de publicação 17/12/2024

O futuro do TikTok no Brasil está em risco. Em cartas enviadas aos CEOs da Apple e Google, parlamentares do Congresso Nacional reiteraram que o aplicativo poderá ser proibido no país a partir de 19 de janeiro de 2025, caso não haja intervenção do Supremo Tribunal Federal (STF).

A medida faz parte de uma iniciativa liderada pelo presidente do Comitê Seletivo da Câmara sobre a China, que na semana passada também enviou notificações ao TikTok, alertando que a permanência do app nas plataformas será considerada ilegal após o prazo estabelecido.

Pressão legal e geopolítica

O TikTok vem enfrentando desafios globais relacionados a questões de privacidade e segurança de dados. No Brasil, o Congresso levanta preocupações similares, alegando que o aplicativo pode ameaçar a soberania digital do país.

Caso o STF não intervenha antes da data estipulada, Apple e Google poderão ser obrigadas a retirar o TikTok de suas lojas virtuais no Brasil, afetando milhões de usuários e criadores de conteúdo.

O que está em jogo

Com bilhões de acessos mensais, o TikTok se consolidou como uma das plataformas mais populares do país, especialmente entre o público jovem. Um eventual banimento geraria discussões sobre liberdade digital e os impactos econômicos para influenciadores e empresas que dependem do app como ferramenta de marketing e comunicação.

Até o momento, nenhuma das empresas notificadas se manifestou oficialmente sobre a questão. O caso segue em análise e promete aquecer o debate jurídico e tecnológico nos próximos meses.

Disponível em: <<https://spvalenews.com.br/tiktok-pode-ser-banido-no-brasil-a-partir-de-janeiro-de-2025/>>. Acesso em: 20 de jun. 2025.